

O PAPEL DAS PEQUENAS E MÉDIAS EMPRESAS BRASILEIRAS NO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

Bruno de Lima Coelho¹
Mario Sergio Cunha Alencastro²

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo discutir a importância das Pequenas e Médias Empresas brasileiras na disseminação dos princípios do Desenvolvimento Sustentável como um novo modelo de gestão a ser adotado nas suas atividades empresariais. Na prática, isto significa a incorporação de procedimentos tais como a Ecoeficiência e a Produção mais Limpa (P + L), o que se traduz em produzir mais, gastando menos insumos e matérias-primas, e reduzir o impacto negativo ao meio ambiente. Ao adotar este modelo de gestão, elas tornam-se mais competitivas, eliminam áreas de atritos com grupos de interesse (*stakeholders*), reduzem a possibilidade de acidentes e melhoram sua imagem.

Palavras-chave: Desenvolvimento Sustentável. Pequenas e Médias Empresas. Ecoeficiência. Produção mais Limpa.

ABSTRACT

This article aims to discuss the importance of Small and medium Brazilian Companies in the context of Sustainable Development as a new management model to be adopted in their business. In practice, this means the incorporation of procedures such as Eco-efficiency and Cleaner Production (CP), which result in greater production with less waste of material, and, at the same time, reduction in the negative impact to the environment. By adopting this model of management, they become more competitive, eliminate areas of conflict with interest groups (*stakeholders*), reduce the possibility of accidents and improve their images.

Key words: Sustainable Development. Small and Medium Companies. Eco-efficiency. Cleaner Production.

INTRODUÇÃO

Atualmente, os temas relacionados ao desenvolvimento sustentável têm sido constantemente abordados pelos mais diversos setores da sociedade. Este fato ocorre como consequência do fortalecimento da consciência sobre o meio ambiente, a cada dia mais ameaçado por um modelo de desenvolvimento industrial que se caracteriza pela super

¹ Graduado em Tecnologia em Gestão de sistemas de Informação pelas Faculdades Integradas Santa Cruz de Curitiba (2006); Graduando em Administração pelas Faculdades Integradas Santa Cruz de Curitiba; Aluno da Especialização em Engenharia de Produção pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná/PUC-PR. C-eletrônico: limabrunocoelho@gmail.com

² Engenheiro e Doutor em Meio Ambiente e Desenvolvimento pela UFPR (2007). Professor na Universidade Tuiuti do Paraná, nas Faculdades Integradas Santa Cruz de Curitiba e no Grupo Educacional UNINTER. C-eletrônico: contato@alencastro.pro.br

exploração dos recursos naturais, pelo consumo em massa e pela geração de resíduos. Um quadro que se agrava pelo crescimento da população mundial e das terríveis desigualdades sociais. Tudo isso contribui para uma emergente preocupação com o futuro do planeta.

Trata-se de um debate relativamente recente e que talvez tenha sua origem na constatação da crescente dificuldade em se obter os necessários recursos naturais e pelo excesso de contaminação a qual grande parte do planeta está submetida. Os grandes fóruns mundiais que, desde a década de 1970, discutem a problemática ambiental, têm contribuído para a criação de políticas que tentam eliminar, ou, ao menos, minimizar os impactos ao ambiente. O objetivo destas políticas é, por intermédio de medidas muitas vezes drásticas, impedir que os ecossistemas sejam ainda mais abalados pela exploração desenfreada.

Mesmo com atitudes severas para minimizar o impacto ao meio ambiente, pode-se observar que o desenvolvimento econômico, populacional e tecnológico não caminha em harmonia com as demandas ambientais. Isto se dá devido a um crescimento exponencial da atividade econômica, ditado pelo ritmo das indústrias e pelo mercado em geral, que definem a necessidade e o tempo para a produção de produtos manufaturados.

O crescimento presenciado nas últimas décadas e a utilização desenfreada dos recursos naturais, em muitos casos não-renováveis, tende a gerar uma escassez de recursos, o que obriga o setor produtivo a buscar fontes alternativas de insumos na natureza.

O presente estudo parte da constatação de que, se a exploração predatória dos recursos naturais é provocada em grande parte pela atividade empresarial, só por meio de uma mudança cultural nestas práticas empresariais é que seria possível a reversão deste quadro tão sombrio.

Tendo como pressuposto o fato de que no Brasil o número de pequenas e médias empresas é muito grande, defender-se-á aqui a importância que elas têm nesta mudança cultural e na construção do Desenvolvimento Sustentável em nosso país.

Mesmo com atitudes severas para minimizar o impacto ao meio ambiente, pode-se observar que o desenvolvimento econômico, populacional e tecnológico não caminha em harmonia com as demandas ambientais.

1 DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

A ideia de Desenvolvimento Sustentável surgiu no início da década de 1970, a partir do discurso dos movimentos ambientalistas e nas discussões sobre um tipo de desenvolvimento menos agressivo ao meio ambiente.

De acordo com Gilberto Montibeller (2004), este termo propagou-se inspirado na ideia de “ecodesenvolvimento”, uma concepção muito em voga na época. O ecodesenvolvimento, fruto dos trabalhos do economista Ignacy Sachs, criticava a visão economicista que não considera as questões sociais e ambientais e que tinha foco apenas na produção e nas taxas de crescimento econômico (PIB). Também coube ao ecodesenvolvimento refutar o antropocentrismo econômico para o qual a natureza é apenas matéria prima para a produção de bens e defender um estilo de vida menos consumista.

Com base nestas ideias, já na década de 1980, começou a se cogitar na possibilidade de um modelo de desenvolvimento que atendesse à necessidade da população presente, garantindo recursos naturais e boa qualidade de vida às gerações futuras. Trata-se de um programa de mudança e aprimoramento do processo de desenvolvimento econômico, de forma que ele garanta um nível básico de qualidade de vida para todas as pessoas e proteja os sistemas ambientais e sociais que fazem com que a vida seja possível.

O termo Desenvolvimento Sustentável foi apresentado como um novo paradigma na Conferência Mundial sobre Conservação e Desenvolvimento da União Internacional pela Conservação da Natureza (IUCN) em Ottawa, no ano de 1986. Em 1987, foi ratificado em um documento publicado pela Comissão Mundial Sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento (CMMAD), sob o título “Nosso Futuro Comum”, também conhecido como Relatório Brundtland. O texto trata de um desenvolvimento capaz de “suprir as necessidades da geração presente sem afetar a habilidade das gerações futuras de suprir as suas” (Brundtland, 1987).

O Desenvolvimento Sustentável visa o equilíbrio entre o desenvolvimento econômico, o meio ambiente e as questões sociais. Montibeller (2004, p. 54) o define como o “processo contínuo de melhoria das condições de vida (de

todos os povos), enquanto minimize o uso de recursos naturais, causando um mínimo de distúrbios ou desequilíbrios ao ecossistema”.

A Segunda Conferência das Nações Unidas Para o Meio Ambiente e Desenvolvimento (Rio 92) consagrou a ideia de Desenvolvimento Sustentável num documento intitulado “Agenda 21”. Trata-se da mais completa tentativa já realizada de orientar para um novo padrão de desenvolvimento para o século XXI, cujo alicerce é a sinergia da sustentabilidade ambiental, social e econômica, presente em todas as suas ações propostas.

O Desenvolvimento Sustentável visa o equilíbrio entre o desenvolvimento econômico, o meio ambiente e as questões sociais.

2 AS EMPRESAS E O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

Para Fernando Almeida (2002) a crítica que o conceito de Desenvolvimento Sustentável faz ao modelo econômico predominante está provocando uma mudança de paradigma. Neste sentido, percebe-se que as empresas estão iniciando um processo de sensibilização quanto à questão ambiental e refletindo a importância desse aspecto no cenário empresarial globalizado. Se muitas empresas encaram a questão ambiental como um “mal necessário”, outras, que já absorveram a prática das ações socioambientais vêm a chamada “administração verde”, como um meio de, além de contribuir com o meio ambiente, proporcionar às empresas uma vantagem ou estratégia competitiva. Para este autor, um dos principais motivos que levam as empresas a adotar os princípios do desenvolvimento sustentável é a necessidade de sobrevivência num mercado cada vez mais preocupado com estas questões.

O desafio das empresas que buscam o Desenvolvimento Sustentável é desenvolver novas formas de operar em harmonia com a sociedade, clientes, governo, fornecedores, e outros *stakeholders* (partes interessadas) incluindo os concorrentes e o ambiente em que atua.

A mudança dos padrões de produção e consumo é um ponto chave para que as sociedades caminhem na direção do Desenvolvimento Sustentável. A Agenda 21 menciona três aspectos fundamentais para a mudança destes padrões: do exame dos padrões insustentáveis de produção e consumo; o desenvolvimento de políticas e estratégias nacionais de estímulo à mudança nos padrões insustentáveis de consumo e estratégias para estimular o uso mais eficiente da energia e dos recursos.

No que diz respeito ao papel das empresas, o texto da Agenda 21 em seu Capítulo 30 (Fortalecimento do Papel do Comércio e da Indústria) apregoa a promoção de uma produção mais limpa e da responsabilidade socioambiental empresarial.

Para mudar os padrões de produção, existem alguns modelos que estimulam a mudança, tais como os princípios essenciais da Produção mais Limpa (P+L) e Ecoeficiência. Para o PNUMA (Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente), a Produção mais Limpa é a aplicação contínua de uma estratégia ambiental preventiva e que envolve processos, produtos e serviços de modo que se previnam ou reduzam os riscos para os seres humanos e o meio ambiente. Isso implica, dentre outras coisas, em abolir o uso de materiais tóxicos, reduzir a quantidade de emissões e resíduos, melhorar o ciclo de vida dos produtos, etc. (Dias, 2006, p. 126-127).

Já a ecoeficiência, seria a oferta de bens e produtos produzidos de forma a utilizar com a máxima eficiência o uso dos recursos planetários. A redução no consumo de energia e materiais (matéria-prima) é a tônica da ecoeficiência.

De acordo com Fernando Almeida (2005), está ocorrendo um avanço na compreensão de que só será possível garantir a sobrevivência para as futuras gerações por meio de ações integradas, éticas e transparentes, envolvendo os principais atores – empresas, governos e a sociedade civil organizada.

No que tange às empresas, este autor afirma que um dos principais desdobramentos dos princípios do desenvolvimento sustentável, a ecoeficiência, que para ele significa produzir mais, gastando menos insumos e matérias-primas, já está sendo aplicado com sucesso em grandes empresas instaladas no Brasil.

Em outras palavras, “racionalizando os gastos com insumos e matérias-primas, estas empresas estão reduzindo o impacto produtivo no meio ambiente, tornam-se mais competitivas, eliminam áreas de atritos com grupos de interesse (*stakeholders*), reduzem a possibilidade de acidentes, melhoram sua imagem. Enfim, são ganhos tangíveis e intangíveis” (Almeida, 2005).

Recentemente, um artigo publicado na Harvard Business Review por C. K. Prahalad, Ram Nidumolu e M.R. Rangaswami (2009), autores que, por conta da sua *expertise*, são considerados leitura obrigatória em qualquer estudo

sério no campo da inovação empresarial, reafirmam o conceito de que, que longe da antiga ideia de que investir em sustentabilidade socioambiental diminui a competitividade de uma empresa, este tipo de ação, certamente irá reduzir custos e aumentar a receita. Para estes autores a sustentabilidade deve ser a base para a inovação empresarial e que, no futuro, somente quem fizer da sustentabilidade uma meta terá vantagem competitiva. Cabe às empresas repensar, não somente seus produtos, mas também suas tecnologias, processos, e – principalmente – seus modelos e estratégias de negócios. Ou seja, trata-se de um imenso, mas sedutor, desafio para a capacidade empreendedora dos futuros profissionais que hoje se preparam para ingressar no mundo dos negócios. Criar produtos e serviços sustentáveis e/ou reformular o que já existe a fim de não agredir o meio ambiente é o grande desafio empresarial para o século XXI

Uma pesquisa realizada pelo Instituto Deloitte e publicada na revista Mundo Corporativo (Collet, 2009, p. 25), mostra que as medidas sustentáveis realizadas no campo ambiental pelas empresas brasileiras são as seguintes:

QUADRO 1 – MEDIDAS SUSTENTÁVEIS ADOTADAS PELAS EMPRESAS

MEDIDA SUSTENTÁVEL	ADOTAM	PRETENDEM ADOTAR	NÃO VÃO ADOTAR
Racionalização do uso dos recursos naturais	76%	19%	5%
Programas de gerenciamento de resíduos	69%	18%	13%
Diagnósticos de riscos ambientais de sociais	59%	24%	17%
Programa de eficiência energética	56%	31%	13%
Investimento em tecnologias limpas	53%	36%	11%
Pesquisa e desenvolvimento ligados à sustentabilidade	41%	43%	16%
Adequação à Certificação ISO 14.001	34%	44%	22%
Auditoria dos relatórios de sustentabilidade	24%	53%	23%
Aplicação do Mecanismo de Desenvolvimento Limpo (MDL)	16%	42%	42%
Investimentos em fundos de preservação ambiental	13%	32%	55%

FONTE: Adaptado de Deloitte apud Mundo Corporativo (2009, p. 25).

O universo da pesquisa, realizada entre os dias 20 de março e 02 de abril de 2009, foi de 115 empresas com atuação no Brasil. De acordo com o Instituto Akatu (2009), o estudo revelou, entre outros aspectos, que o tema entrou na agenda das empresas, permeando todas as fases da cadeia produtiva e que o cenário da crise econômica não impactou as decisões de investimento da maior parte delas em relação às suas ações de sustentabilidade. Segundo relatório do estudo “os resultados da pesquisa mostram que a adoção de práticas sustentáveis já está se impregnando em todas as etapas da cadeia produtiva. As empresas têm sido requeridas a mudar seus portfólios de produtos ou processos de produção por exigência de clientes ou consumidores, por questões de sustentabilidade. Os controles ambientais, assim como as exigências legais, também têm impacto importante sobre as atividades e a preocupação das empresas com a implantação de medidas sustentáveis”. A pesquisa evidencia também que “a sustentabilidade é um fator fundamental na escolha ou seleção dos fornecedores, com um amplo conjunto de práticas exigidas por parte das empresas no momento de contratá-los”.

3 PERSPECTIVAS PARA PEQUENAS E MÉDIAS EMPRESAS NO BRASIL

Tendo em vista que é no processo produtivo que se libera a maior quantidade de resíduos, é possível inferir que as grandes empresas são as maiores responsáveis pelo atual desequilíbrio ecológico e pelo excesso de poluição. No entanto, como pode ser observado na Tabela 1, as grandes corporações representam apenas 0,4% das quase seis milhões de empresas distribuídas em todo o território brasileiro. Todo o restante é composto de médias, pequenas e micro empresas que, somadas, representam mais de 99,0% do universo empresarial brasileiro.

QUADRO 2 – DISTRIBUIÇÃO DO NÚMERO DE EMPRESAS POR SEGMENTO NO BRASIL

Porte	INDÚSTRIA		COMÉRCIO		SERVIÇOS		Total
	No.	%	No.	%	No.	%	
Micro	939.267	17,8	2.414.652	45,8	1.923.389	36,4	5.277.308
Pequena	48.314	19,7	88.941	36,2	108.203	44,1	245.458
Média	9.856	33,3	5.724	19,4	13.999	47,3	29.579
Grande	1.580	7,0	2.955	13,2	17.890	79,8	22.434
TOTAL	999.017		2.512.272		2.063.481		5.574.779

FONTE: RAIS 2000.

Pelo exposto, é possível observar que a grande perspectiva de mudança se encontra nesta fatia do mercado, por conta inclusive do potencial de crescimento de que estas empresas possuem, pois há sempre a chance de que muitas venham a se tornar grandes corporações. Sendo assim, é conveniente que adquiram logo a consciência do ecossistema em que estão inseridas, criando-se desta forma uma política de preservação do meio ambiente; algo que seria muito mais difícil de ser introduzido na cultura organizacional depois que a empresa atingisse grandes dimensões.

As empresas de pequeno e médio porte possuem, devido a sua menor estrutura, uma melhor capacidade de reação a mudanças nos processos de extração ou seleção da procedência dos recursos naturais, e ainda na tratativa dos resíduos descartados do processo produtivo. Elas ainda podem contar com o apoio de políticas governamentais, como incentivos fiscais, no caso de práticas ambientalmente corretas. A tendência é que cada vez mais empresas de pequeno a médio porte voltem-se à práticas sustentáveis, como, por exemplo, gerenciamento de resíduos e programas de eficiência energética.

4 A REDE BRASILEIRA DE PRODUÇÃO MAIS LIMPA

Hoje, em escala global, as pequenas e médias empresas evoluíram muito no conceito de sustentabilidade, sendo que já existe uma determinada parcela do mercado que já está trabalhando orientada sob os princípios de uma gestão socioambiental saudável.

Para Fernando Almeida (2005), no Brasil, essas empresas estão inseridas no modelo de Desenvolvimento Sustentável através de uma parceria entre o CEBDS – Conselho Brasileiro para o Desenvolvimento Sustentável e o Sebrae. De fato, não haveria sentido pensar em sustentabilidade sem incluir este segmento empresarial que representa 99% das 5,6 milhões de empresas do país e é a base da fonte de geração de emprego.

Em 1999, o SEBRAE Nacional, o CEBDS e o CNTL - Centro Nacional de Tecnologias Limpas iniciaram o projeto para implementação da Rede Brasileira de Produção Mais Limpa, com base em uma adaptação do programa da UNIDO – Organização das Nações Unidas para o Desenvolvimento Industrial e a UNEP - Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente e da experiência da Consultoria Stenum, da cidade de Graz, na Áustria, que desenvolveu o projeto *Ecological Project for Integrated Environmental Technologies – ECOPROFIT*.

Um dos focos da Rede Brasileira de Produção Mais Limpa é promover o desenvolvimento sustentável nas micro e pequenas empresas no país, difundindo o conceito de ecoeficiência e a metodologia de Produção Mais Limpa (P +L), como instrumentos para aumentar a competitividade, a inovação e a responsabilidade ambiental no setor produtivo brasileiro.

Sabe-se que a redução de custos nas pequenas e microempresas não é uma prática fácil de atingir. Desta forma, se partirem para uma melhor eficiência em seus processos, como é o caso da ecoeficiência, tornam-se mais competitivas no mercado.

Ao disseminar essa nova consciência ambiental, a Rede Brasileira de Produção Mais Limpa, atua no sentido de demonstrar que a preocupação com as questões ambientais é uma forma inteligente para aumentar as receitas. Sabe-se que a redução de custos nas pequenas e microempresas não é uma prática fácil de atingir, pois já atuam com um orçamento bastante exíguo em relação a gastos de mão-de-obra e de matéria-prima. Desta forma, se partirem para uma melhor eficiência em seus processos, como é o caso da ecoeficiência, tornam-se mais competitivas no mercado.

É fato conhecido que as empresas que incorporam objetivos ambientais em seu gerenciamento gastam menos com energia e água; sofrem menos desgaste com os passivos ambientais; têm sua imagem favorecida diante do público consumidor e contam com maior simpatia por parte da mídia e até de grupos ambientalistas.

Hoje já existem no país núcleos de Produção mais Limpa (P + L) em 18 estados, faltando muito pouco para que todas as 23 unidades da Federação estejam contempladas. O objetivo desses núcleos é mostrar aos pequenos empresários os benefícios da ecoeficiência e capacitar suas empresas a seguir este novo caminho.

De acordo com o CEBDS, o SEBRAE Nacional já investiu em torno R\$ 5,6 milhões para formação de sua rede de Núcleos de Ecnegócios. Como benefícios ambientais tangíveis, pode-se destacar a redução anual do consumo de matérias-primas de 6,2 milhões de kg/ano, economia de água de 461 mil m³/ano e 3,1 milhões de kWh/ano de energia elétrica.

Quando todas as 248 empresas-piloto participantes do programa forem contempladas (um investimento de aproximadamente 6,3 milhões de reais) o resultado será uma redução de 23,6 milhões de reais por ano com gastos em matérias-primas, água e energia.

CONCLUSÃO

A sustentabilidade é um fator de extrema importância para assegurar a qualidade de vida para as gerações futuras e, para isso, é preciso que as empresas, o governo e a comunidade contribuam com práticas que possam garantir a qualidade ambiental. De modo geral, as empresas estão começando a se adequar frente aos novos padrões ambientais, que buscam produtos ecologicamente corretos, preservação do meio ambiente, processos de produção que não causem danos ambientais. As empresas estão percebendo que promover a sustentabilidade e a preservação ambiental não é apenas uma questão de cumprir obrigações com órgãos ambientais, mas sim um fator de sobrevivência da organização e também de competitividade.

Nunca é demais lembrar que os consumidores passaram a exigir das empresas maior responsabilidade ambiental. Também, sob o ponto de vista legal, consta-se que a regulamentação ambiental dos diversos países está cada vez mais rigorosa, exigindo um novo posicionamento das empresas que, para sobreviverem neste novo ambiente de negócios, necessitam, forçosamente, investir em projetos e soluções ambientalmente adequadas.

Sendo assim, todo o conhecimento gerado no campo do Desenvolvimento Sustentável, pode e deve ser incorporado às práticas empresariais, principalmente no que se refere às pequenas e médias empresas.

REFERÊNCIAS

AGENDA 21. **Documento das Nações Unidas**. Disponível em: <http://www.pr.gov.br/meioambiente/agenda_xxi/pdf/agenda_21_brasileira.pdf>. Acesso em: 21 mar. 2006.

ALMEIDA, Fernando. Entrevista exclusiva. **Ambiente Brasil**. 04/09/2005. Disponível em: <<http://noticias.ambientebrasil.com.br/noticia/?id=20689>>. Acesso em: 01 out. 2009.

ALMEIDA, Fernando. **O bom negócio da sustentabilidade**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

BRUNDTLAND, Harlen G. **Our common future** (The Brundtland Report). Oxford: Oxford University Press, 1987.

CEBDS - Conselho Empresarial Brasileiro para o Desenvolvimento Sustentável. **Rede Brasileira de Produção mais Limpa**. Disponível em: <<http://www.cebds.org.br/cebds/eco-pmaisl-rede-brasileira.asp>>. Acesso em: 01 out. 2009

COLLET, Luciana. Corrida para limpar a casa. *In*: **Mundo corporativo**. São Paulo, n. 25, julho-setembro, 2009. p. 19-25.

INSTITUTO AKATU. Preocupação das empresas com a sustentabilidade abrange toda cadeia produtiva. Disponível em: <<http://www.akatu.org.br/central/noticias/2009/preocupacao-das-empresas-com-a-sustentabilidade-abrange-toda-cadeia-produtiva>>. 11 mai. 2009.

MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO. **Relatório anual de informações sociais (RAIS)**. Banco de dados. Brasília, 2000.

MONTIBELLER FILHO, Gilberto. **O mito do desenvolvimento sustentável: meio ambiente e custos sociais no moderno sistema produtor de mercadorias**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2004.

PRAHALAD, C. K. NIDUMOLU, Ram e RANGASWAMI, M.R. Por que a sustentabilidade é hoje o maior motor da inovação? **Harvard Business Review**, São Paulo, v. 87, n. 9, p. 27-34, set. 2009.